

SOBRE A “PARTE II” DAS *INVESTIGAÇÕES FILOSÓFICAS* DE WITTGENSTEIN: DAS POSSÍVEIS ABORDAGENS DE LEITURA*

ON "PART II" OF WITTGENSTEIN'S *PHILOSOPHICAL INVESTIGATIONS*: THE WAYS OF READING

FILICIO MULINARI E SILVA**

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO PAULO, BRASIL

Resumo: O artigo tem dois propósitos centrais: primeiramente, expor a discussão sobre a inclusão do TS 234 (anteriormente conhecida como "Parte II") nas *Investigações Filosóficas* de Wittgenstein. Para atingir a esse primeiro objetivo, iremos analisar as justificativas de inclusão dadas por Anscombe (1953) e Rhees (1953, 1996) na primeira edição do livro, as críticas feitas por von Wright (1982, 1992) e, por fim, os motivos que levaram Hacker e Schulte, editores da quarta edição das *Investigações*, a considerar o TS 234 como parte de um trabalho distinto da “Parte I”. O segundo objetivo do artigo é mostrar uma leitura particular sobre os escritos pós-1945 (incluindo o TS 234), a qual afirma que tais anotações não representam “partidas para novas direções”, como von Wright (1982), Hacker (2013) e Moyall-Sharrock (2004) alegam, mas são uma continuação das questões iniciadas ainda nas *Investigações Filosóficas*. Para este segundo objetivo, tomaremos como base a leitura exposta por Nuno Venturinha (2007) em seu artigo “Against a third Wittgenstein” as menções do próprio Wittgenstein que indicam que as *Investigações Filosóficas* ainda continuavam no horizonte de pensamento do filósofo em seus escritos pós-1945. Ao fim, concluiremos que tanto a leitura proposta por Venturinha – de “uma continuidade” dos escritos – quanto as leituras que apregoam uma “partida para novas direções” possuem limitações e problemas graves, o que mostra que a questão em torno do *locus* da Parte II das *Investigações* e dos problemas ali inseridos ainda continuam sendo um capítulo polêmico das leituras Wittgensteinianas.

Palavras-chave: Wittgenstein. Filosofia da psicologia. TS 234. Conceitos psicológicos.

Abstract: The paper has two central purposes: first, to discuss the inclusion of TS 234 (formerly known as "Part II") in Wittgenstein's *Philosophical Investigations*. In order to reach this first objective, we will analyse the justifications given by Anscombe (1953) and Rhees (1953, 1996) in the first edition of the *Philosophical Investigations*, the criticisms made by von Wright (1982, 1992) and, finally, the motives of Hacker and Schulte (editors of the fourth edition) to consider the TS 234 part of a distinct work of *Philosophical Investigations*. The second objective of the paper is to show a particular reading about post-1945 writings (including TS 234), which states that such annotations do not represent 'departures to new directions', such

* Artigo recebido em 28/02/2019 e aprovado para publicação pelo Conselho Editorial em 12/07/2019.

** Doutor em Filosofia pela Universidade Federal de São Paulo, Brasil. Currículo lattes: <http://lattes.cnpq.br/2163193321069411>. E-mail: filicio@gmail.com.

argue von Wright (1982), Hacker (2013), and Moyall-Sharroch (2004), but they are a continuation of the questions still initiated in the *Philosophical Investigations*. For this second objective, we will take the reading exposed by Nuno Venturinha (2007) in his article "Against a third Wittgenstein" and on mentions of the own Wittgenstein that indicate that the *Philosophical Investigations* still were in the horizon of thought of the philosopher in his post-1945 writings. At the end, we will conclude both the reading proposed by Venturinha - of "a continuity" of the writings - as the readings that support that the writings are "departures to new directions" have serious limitations problems, which shows that the question about the *locus* of Part II of the *Investigations* still remain a controversial chapter of the Wittgensteinian's readings.

Keywords: Wittgenstein. Philosophy of psychology. TS 234. Psychological concepts.

1. INTRODUÇÃO

É de conhecimento público que o texto das *Investigações Filosóficas* (PU) não estava terminado à época da morte de Wittgenstein, em 1951. Por este motivo, coube então aos seus executores literários a edição para a publicação póstuma.

A primeira edição das *Investigações Filosóficas*, publicada em 1953, trazia o livro dividido em duas partes intituladas como "Parte I" (*Teil I*), que possuía 693 parágrafos numerados, e "Parte II" (*Teil II*), dividida em quatorze seções referenciadas por algarismos romanos. A divisão do texto das *Investigações* em "Parte I" e "Parte II" continuou presente nas duas edições posteriores da obra e serviu de modelo para várias traduções durante anos.¹ Para se ter uma ideia do tamanho da influência, basta notar que todas as edições brasileiras das *Investigações Filosóficas* trazem o texto dividido em duas partes.² Entretanto, embora a divisão do texto em partes distintas já fosse motivo de debates há décadas, a discussão tomou novos rumos com a publicação da 4ª edição inglesa das *Investigações*, publicada em 2009. Nesta última edição, Peter Hacker e Joachim Schulte (editores) decidiram eliminar a divisão da obra em duas partes e, assim, apenas a antiga Parte I recebeu o título de *Investigações Filosóficas*. A

¹ As duas edições de referência que mencionamos são, respectivamente, a 2ª Ed. publicada pela Blackwell Publishers (1958), e a 3ª edição, publicada em 2003 pela Blackwell Publishers. De acordo com Hacker (2009, prefácio, p. viii), a segunda edição trazia pequenas correções de pontuação e grafia no texto alemão, além de um grande número de pequenas mudanças e 28 mudanças significativas no texto em inglês. A terceira edição, publicada na ocasião do 50º aniversário da primeira publicação, trazia um pequeno número de alterações à tradução de Anscombe (tradutora da primeira versão).

² Tomamos como referência brasileira as nove edições das *Investigações Filosóficas* publicadas pela Editora Vozes, sendo a última datada de 2014, e as versões pertencente à *Coleção Os Pensadores*, publicadas pela Editora Abril e pela Editora Nova Cultural entre os anos de 1973 e 2004, que findou sua série de publicações das *Investigações* na 7ª Edição, publicada no ano de 1999.

‘Parte II’ foi renomeada para *Filosofia da Psicologia – Um Fragmento*, entendida agora como sendo um fragmento de um trabalho distinto, um ‘trabalho em andamento’ [*work in progress*], nos termos dos editores).

Dada a influência das antigas edições, o que propomos na sequência é apresentar uma exposição do debate acerca da inclusão/exclusão da antiga Parte II (TS 234) nas *Investigações*, desde a primeira edição (1953) até a edição feita por Hacker e Schulte (2009), versão mais recente e revisada do texto. Após isso, iremos expor a leitura de Venturinha (2007) que afirma que os escritos de Wittgenstein pós-1945 (incluindo a antiga Parte II) não tratam de temas distintos, mas são uma sequência do debate iniciado ainda nas *Investigações Filosóficas*. O objetivo, ao final, é mostrar que tanto a decisão de Hacker e Schulte de retirar o TS-234 das *Investigações* quanto a leitura continuísta de Venturinha a respeito do texto possuem certas incoerências teóricas e limitações documentais, o que nos mostra que a querela em torno do lugar do TS 234 no pensamento de Wittgenstein continua sendo um tópico atual nos estudos das anotações do filósofo.

2. A HISTÓRIA CONTURBADA DA “PARTE II” DAS *PU*: VON WRIGHT E SUA INFLUÊNCIA

Após a morte de Ludwig Wittgenstein, em 29 de abril de 1951, uma grande quantidade de escritos não publicados ficou sob os cuidados de três de seus antigos alunos: Rush Rhees, Elizabeth Anscombe e Georg Henrik von Wright. Esse espólio filosófico póstumo de Wittgenstein foi prontamente trabalhado por esses alunos que começaram a mapear o que poderia ser material para edição e publicação póstuma.

Inicialmente, Rhees e Anscombe - editores da primeira edição das *Investigações*, publicada em 1953 - decidiram publicar em formato de livro os textos datilografados que consideravam estarem mais próximos de um livro acabado.³ É nesse contexto que vem à tona a publicação das *Investigações Filosóficas*, utilizando como base o TS 227, adicionando também o TS 234 (que corresponde a antiga “Parte II” das *PU*).

³ Os escritos de Wittgenstein são tradicionalmente catalogados enquanto manuscritos (MS) e textos datilografados (em inglês, Typescript ou TS). Como referência aos anos em que foram escritos os materiais publicados postumamente, tomou-se como referência o trabalho catalográfico desenvolvido por Biggs e Pichler (1993).

A escolha dos editores para a publicação do TS 227 junto com o TS 234 não foi isenta de questionamentos por parte da comunidade acadêmica ao longo do tempo. Era de conhecimento dos editores que Wittgenstein havia trabalhado nas *Investigações Filosóficas* durante anos, inclusive tendo o próprio filósofo escrito ao menos cinco versões prévias (*drafts*) do texto.⁴ É com certo grau de certeza, por exemplo, que podemos dizer que os primeiros 189 parágrafos das *Investigações* já estavam prontos ao fim da década de 1930. Mais que isso, também podemos dizer que há ‘blocos de texto’ pertencentes ao livro e que foram escritos em momentos diferentes. Assim, sabemos que os parágrafos 1-410 já estavam prontos entre os anos de 1943 e 1945 (versão intermediária) e o restante das anotações da Parte I (§§411-693) só vieram a ser devidamente finalizadas no ano letivo de 1945/46. No que diz respeito à antiga Parte II, ela foi redigida entre maio de 1946 e maio de 1949 e corresponde ao manuscrito MS 144. Esse manuscrito, por sua vez, foi datilografado e deu origem ao TS 234.⁵

Os primeiros a refletirem sobre uma suposta incongruência em publicar a Parte II (TS 234) no texto final das *Investigações* foram Anscombe e Rhees, editores da primeira edição. Na ‘Nota dos Editores’, eles ponderam que se Wittgenstein tivesse vivido, ele provavelmente teria alterado boa parte dos últimos parágrafos da Parte I e incluído alguns conteúdos da Parte II em seu lugar:

O que se apresenta neste volume como Parte I estava pronto desde 1945. A Parte II surgiu entre 1947 e 1949. Se o próprio Wittgenstein tivesse publicado sua obra, teria deixado de lado grande parte daquilo que agora constitui aproximadamente as últimas trinta páginas da Parte I e, no lugar delas, teria inserido o conteúdo da Parte II, com acréscimo e novo material. [...] Somos responsáveis pela ordenação dos últimos fragmentos da Parte II no seu lugar atual (ANSCOMBE; RHEES, 1953, *nota dos editores*).

Mesmo Anscombe e Rhees tendo o cuidado de explicitar as dificuldades relacionadas à Parte II, será George Henrik von Wright – o terceiro editor – que aprofundará a questão e lançará questionamentos mais pontuais a respeito da decisão editorial em dividir

⁴ As cinco versões prévias mencionadas aqui estão catalogadas na Edição Crítico-Genética das *Investigações Filosóficas* realizada por Joachim Schulte, Heikki Nyman, Eike von Savigny e George H. von Wright (Editora Suhrkamp, 2001). Elas recebem o nome de *Urfassung* (MS 142), *Frühfassung* (TS 225, TS 220, TS 221), *Bearbeitete Frühfassung* (TS 239), *Zwischenfassung* e por fim, ao *Spätfassung* (TS 227).

⁵ “O conjunto de anotações presentes na Parte II foram selecionadas por Wittgenstein dos manuscritos escritos entre maio de 1946 e maio de 1949. Mais da metade deles datam de outubro de 1948 a março de 1949” (von WRIGHT, 1992, p. 182).

as *IF* em duas partes. Em seu artigo “The Troubled History of Part II of the Investigations” (1992), von Wright explicita alguns questionamentos entre o texto datilografado e aquilo que era considerado como parte integrante das *Investigações Filosóficas*, salientando que o próprio título “Parte II” fora uma invenção dos editores (von WRIGHT, 1992, p. 181).

O artigo de von Wright teve uma influência direta na editoração da 4ª Edição das *Investigações*, sobretudo no que diz respeito a decisão de excluir a divisão do livro em duas partes. Vale lembrar que essa decisão foi, segundo os editores, a mudança editorial mais importante feita na obra (HACKER; SCHULTE, 2009, p. ix). No texto editorial explicativo, os editores contestam a nota de Anscombe e Rhees que afirma que “[...] se o próprio Wittgenstein tivesse publicado sua obra, ele teria suprimido boa parte das últimas trinta páginas da Parte I e, no lugar delas, inserido o conteúdo da Parte II”.⁶ Para Hacker e Schulte, não haveria nenhuma evidência de que o filósofo realmente havia pensado em uma publicação conjunta da antiga Parte I junto com a Parte II:

Não há nenhuma evidência escrita no *Nachlass* de Wittgenstein ou correspondência que sugira que o MS 144 tenha sido feito para coletar materiais que seriam incorporados nas *Investigações Filosóficas*. Nem há qualquer indício que ele tenha pensando em suprimir “uma boa parte daquilo que constitui aproximadamente as últimas trinta páginas da Parte I”. (HACKER; SCHULTE, 2009, p. xxii).

A carência de evidências escritas, como notas ou correspondências que indicassem o desejo de Wittgenstein em publicar a antiga “Parte II” junto com a “Parte I” das *Investigações Filosóficas*, constitui um forte elemento para que Hacker e Schulte não vejam com bons olhos a decisão de publicar o TS 234 como sendo uma ‘segunda parte’ do livro. Noutras palavras, para eles a inclusão dessa parte seria uma decisão meramente editorial (e errônea), não de Wittgenstein.

Entre os artigos de Wittgenstein, os editores acharam um texto datilografado [TS 234] fundamentado no manuscrito MS 144. Era uma coletânea de 372 anotações não numeradas selecionadas em sua maioria dos manuscritos redigidos entre maio de 1946 e maio de 1949. Anscombe e Rhees **decidiram** que este texto datilografado era parte do mesmo livro dos 693 parágrafos numerados que eles chamaram de “Parte I” (HACKER; SCHULTE, 2009, p. xxi, grifo-nosso).

⁶ O texto editorial explicativo recebeu o nome de *The Text of the Philosophische Untersuchungen* e vem logo após o prefácio editorial, na própria 4.a edição das *PU*.

Para fundamentar ainda mais sua posição contrária à inclusão do TS 234 nas *Investigações*, Hacker e Schulte, além de se apoiarem na carência de evidência escrita, fazem uso do trabalho de von Wright, sobretudo do questionamento que ele faz a respeito da data na qual Wittgenstein teria se encontrado com os primeiros editores. Segundo Hacker e Schulte, Wittgenstein teria se encontrado com Anscombe e Rhees em dezembro de 1948, em Dublin. Ali o filósofo teria discutido suas intenções sobre as *Investigações* aos futuros editores, uma vez que supostamente eles não teriam se encontrado depois dessa data.⁷ O problema residiria no fato de que, naquele momento, Wittgenstein ainda não teria compilado o MS 144 e nem ditado o TS 234. Por isso, ainda que o filósofo tivesse a intenção de ‘revisar as últimas 30 páginas do livro’, como afirmaram Anscombe e Rhees, o fato é que ele nunca chegou a efetuar essas revisões e, além disso, nem sequer havia ainda o texto datilografado da Parte II (TS 234).

Naquele momento [do encontro de Wittgenstein com Anscombe e Rhees em Dublin], a maior parte daquilo que foi coletado no MS 144 tinha sido escrito em manuscritos muito mais extensos (MS 137 e MS 138). Mas nem o MS 144 nem, é claro, o subsequente texto datilografado TS 234 haviam sido compilados. Pode muito bem ter sido que nesse momento Wittgenstein contemplava revisar as últimas 30 páginas de seu livro e pensado em usar alguns dos vastos materiais que ele havia escrito desde 1946 nesse processo. Porém, ele nunca realizou nenhuma dessas intenções (HACKER; SCHULTE, 2009, p. xxii).

O próprio Hacker, em um trabalho individual posterior à 4ª edição das *Investigações*, sustenta a mesma visão sobre a impossibilidade de se saber o que Wittgenstein tinha em mente com a Parte II:

[...] É notável que a conversa na qual Wittgenstein contou a Rhees e Anscombe que ele tinha a intenção de suprimir parte das últimas 30 páginas das *Investigações* e trabalhar ‘e inserir naquela parte aquilo que é a Parte II, junto com outros materiais’ (PU, nota dos editores) aconteceu em Dublin, em dezembro de 1948, *antes* dele ter escrito o MS 144, e seis meses antes dele tê-lo ditado. Assim sendo, é impossível ter certeza sobre o que Wittgenstein tinha em mente naquele momento (HACKER, 2013, p. 80 - nota 3).

⁷ Devemos analisar especialmente a observação de von Wright que diz respeito a Parte II: “Por tudo que pude verificar, Wittgenstein não falou sobre seus planos aos futuros editores das *Investigações* após ele ter deixado Dublin em 1949” (von WRIGHT, 1992, p. 187).

Segundo Hacker e Schulte, a única coisa dessa querela que é conhecida com certeza é que o MS 144 foi datilografado no final de junho e início de julho, em 1949, dando origem ao TS 234, que seria usado depois como para publicação da “Parte II”. Ou seja, o manuscrito só foi ditado meses após o encontro com Anscombe e Rhees. Por sinal, é bem provável que Wittgenstein tenha datilografado esse manuscrito com a intenção mostrá-lo a seu amigo Norman Malcolm, na visita que viria a fazer a ele no final de julho de 1949. O próprio Malcolm faz uma consideração bastante reveladora sobre as intenções de Wittgenstein com as *Investigações Filosóficas* à época:

Em uma de nossas caminhas, Wittgenstein disse que se ele tivesse dinheiro, ele iria mimeografar e distribuir seu livro (a Parte I das *Investigações*) a seus amigos. Ele disse que o livro não estava completamente acabado, mas que ele não pensava que poderia terminá-lo em vida. O plano seria dele era colocar em parênteses, após as anotações, expressões de desaprovação, como “isto não está muito certo” ou “isto é suspeito”. Ele gostaria de colocar seu livro nas mãos de amigos, mas levá-lo a uma editora estava fora de cogitação (MALCOLM, 1984, p. 75).

Para Hacker e Schulte, o comentário de Malcolm fortalece ainda mais a ideia de que Wittgenstein não tinha em mente a ideia de reescrever radicalmente as últimas 30 páginas do livro, tal como afirmam Anscombe e Rhees. Afinal, segundo Malcolm, Wittgenstein já teria desistido naquele momento de ter uma versão mais acabada de seu livro em vida e faria no máximo anotações entre parênteses. Logo, independente das intenções de Wittgenstein, Hacker e Schulte concluem que o fato é que o mais próximo que o filósofo chegou de terminar as *Investigações* foi com o conjunto de parágrafos 1-693.

A incongruência da suposta data do último encontro entre Anscombe e Rhees com Wittgenstein, somada à declaração de Malcolm e a falta de evidências escritas, indica que a antiga “Parte II” nada mais seria que um rearranjo de um conjunto de parágrafos escritos entre 1946 e 1949, não tendo vínculo direto com o trabalho das *Investigações Filosóficas*. Isso justificaria a decisão dos editores da 4ª Ed. de retirar tal divisão, dando a entender que as *Investigações Filosóficas* seriam referentes somente à antiga Parte I. Entretanto, a decisão de Hacker e Schulte também é passível de críticas – e é a elas que nos debruçaremos na sequência.

3. UMA CRÍTICA À LEITURA DE HACKER E SCHULTE

Em seu artigo que fundamenta a visão de Hacker e Schulte, von Wright relembra que em junho de 1949, em uma carta a Norman Malcolm, Wittgenstein dizia que estava pretendendo ditar alguns trabalhos nas próximas duas semanas enquanto estivesse em Cambridge. Após isso, Wittgenstein levou consigo o texto datilografado mencionado na carta aos EUA e entregou a Malcolm em julho de 1949. Além disso, von Wright relembra que Anscombe confirmou a ele próprio que Wittgenstein estava ditando alguns trabalhos naquele momento – muito provavelmente o manuscrito MS 144. E mais: o próprio von Wright lembra de ter discutido o MS 144 (ou o TS 234) com Wittgenstein nesse período que antecedeu a viagem aos EUA, quando o filósofo ainda estava em Cambridge. Entretanto, von Wright questiona se Anscombe e Rhees tinham conhecimento das intenções de publicação de Wittgenstein à época. Ele recorda – tal como assumido por Hacker e Schulte – que Anscombe e Rhees haviam encontrado Wittgenstein em Dublin, no ano de 1948. Contudo, naquele momento Wittgenstein não havia redigido o MS 144 nem datilografado o TS 234, tal como afirmado anteriormente.

Quando Wittgenstein disse a Anscombe e Rhees sobre seus planos? Ambos visitaram Wittgenstein em Dublin em Dezembro de 1948. Neste momento a maior parte da Parte II tinha sido escrita – mas nem o manuscrito MS 144 e nem, conseqüentemente, qualquer texto datilografado dessa parte do livro existia. [...] Por tudo que pude verificar, Wittgenstein não falou sobre seus planos aos futuros editores das *Investigações* após ele ter deixado Dublin em 1949 (von WRIGHT, 1992, p. 186-187).

De acordo com a citação acima, parece pouco provável que Wittgenstein tenha dito aos primeiros editores das *Investigações* que ele gostaria de ter ‘alterado as últimas 30 páginas’, menos provável ainda é de que naquela ocasião ele tenha afirmado qualquer coisa sobre a “Parte II”. Afinal, ela nem sequer havia sido datilografada. Porém, alguns questionamentos contrários às afirmações de von Wright podem ser feitos.

Recentemente foram publicadas algumas correspondências dos primeiros editores que dão ainda mais corpo à discussão sobre a inserção do TS 234 nas *Investigações*. Em uma carta a von Wright de 1972, Rush Rhees fala sobre as intenções de Wittgenstein a respeito

da “Parte II”.⁸ Nela, Rhees afirma categoricamente que Wittgenstein tinha a intenção de incluir partes dos seus recentes manuscritos nas *Investigações*, ainda que não indicasse quais partes do manuscrito de fato deveriam ser incluídas.

A principal ‘revisão’ na qual ele [Wittgenstein] estava trabalhando no fim de 1948 e no início de 1949 foi na Parte II (como a chamamos). Ele estava trabalhando muito nisso quando eu o visitei em Dublin nas férias de Natal de 1948/1949 (aproximadamente entre 20 de dezembro e 10 de janeiro). Ele falou sobre as partes que ele havia concluído, [sic] leu algumas delas para mim. Mas ele não explicou quais partes do manuscrito “Parte I” deveriam ser substituídas (RHEES apud ERBACHER, 2015, p. 171).

Além da menção direta de Rhees a respeito das intenções de Wittgenstein, outro fator que ajuda a colocar em xeque a leitura de von Wright é o fato de que Elizabeth Anscombe teria se encontrado com Wittgenstein em Viena um ano *após* a visita em Dublin. O testemunho é de Peter Geach, ex-aluno de Wittgenstein e marido de Anscombe.

No final de 1949 Wittgenstein foi a Viena e permaneceu por alguns meses; sua estadia coincidiu com uma longa visita de Elizabeth [Anscombe] a seus amigos vienenses; ela já havia se comprometido a traduzir as *Investigações* e buscado se preparar para a tarefa com um bom conhecimento do alemão vienense (GEACH, 1988, xiii).

É interessante notar ainda que o encontro entre Wittgenstein e Anscombe mencionado na citação acima aconteceu após a visita do filósofo a Malcolm, tendo o datiloscrito da Parte II (TS 234) já sido finalizado. Mais que isso, é evidente que Anscombe foi à Viena e se encontrou com Wittgenstein com a finalidade de discutir sobre a edição das *Investigações Filosóficas*. O próprio Wittgenstein confirma o encontro com Anscombe em uma carta a Malcolm, datada de 12 de fevereiro de 1950.⁹ Logo, é bem provável que Anscombe tivesse ao menos em parte conhecimento das pretensões futuras de Wittgenstein sobre o texto, inclusive sobre a relação do TS 234 com as *Investigações*.

O conteúdo das cartas e os testemunhos aqui mencionados vão em direção contrária às conclusões feitas por von Wright em seu artigo, ou, ao menos, à interpretação dada por Hacker e Schulte sobre o TS 234. Se formos mais atentos, torna-se difícil até mesmo

⁸ A carta de Rhees a von Wright é datada de 10 de Agosto de 1972. Ela se encontra no von Wright e Wittgenstein Archives da Universidade de Helsincki (WWA).

⁹ Querido Norman, [...] Eu pretendo ficar aqui mais um mês. Estou muito bem de saúde. Tanto é que eu tive uma discussão muito boa com Sr.^a Anscombe há alguns dias (MALCOLM, 2001, p. 126).

vincular a decisão de Hacker e Schulte em excluir a Parte II na 4ª Edição com as próprias conclusões de von Wright. Afinal, ao tomarmos as anotações de von Wright de forma conjunta, uma interpretação mais plausível seria aquela que indica que ele simplesmente não poderia afirmar *com certeza* sobre a forma final do novo material que Wittgenstein gostaria de inserir na Parte I, mas não que *não haja* nada a ser inserido ali. Embora a Parte II não fosse um ‘produto acabado’, von Wright não parece ter dúvida de que não haveria melhor lugar para inseri-la do que junto à primeira parte das *Investigações*:

Parece a mim, em um fundamento intrínseco, certo que Wittgenstein considerava o texto datilografado da Parte II como um produto mais acabado que outros textos que ele havia ditado após o texto da Parte I. Não posso ver nenhuma boa razão para que os editores, Anscombe e Rhees, não tivessem o publicado junto com a Parte I (von WRIGHT, 1992, p. 188).

Paralelo ao equívoco sobre aos encontros dos editores com Wittgenstein – que, como se nota, não aconteceu por último em Dublin, ao menos no que diz respeito à Anscombe –, também devemos mencionar que von Wright admite que ‘nunca havia discutido sobre as intenções de publicação de Wittgenstein com ele próprio’ e, ainda, que ‘soube que era um de seus executores literários somente *após* a morte do filósofo’ (vide von WRIGHT, 1992, p. 188). Em contrapartida, Rhees pontua:

Um pouco antes de sua morte, Wittgenstein estava falando comigo sobre o trabalho de edição de seus manuscritos. Isto ficou constantemente em minha cabeça, e isto era muito especial. Ele disse: “Eu confio absolutamente em você e na Sr.^a Anscombe” (RHEES, 1996, p. 56).

Ainda que não seja o caso de entrarmos em uma discussão interminável sobre qual dos editores estaria mais certo no que diz respeito à edição das *Investigações*, é um fato dado que Wittgenstein não tratou da edição de seus escritos com ninguém além de Anscombe e Rhees. Cabe reafirmar também aqui a conclusão de von Wright, na qual ele afirma: “não posso ver nenhuma boa razão para que os editores não tivessem publicado [a Parte II] junto com a Parte I” (1992, p. 188). Tendemos a concordar com von Wright, ainda que isso em certa medida nos distancie da decisão editorial de Peter Hacker e Joachim Schulte. Mais que isso, também fazemos coro com outra conclusão de von Wright, na qual ele afirma:

As *Investigações Filosóficas* permanecem um *torso*. Isso [a edição do livro] pode não ser satisfatório. Mas sobre isso ninguém pode culpar os editores, que fizeram seu melhor para apresentar o livro ao mundo (von WRIGHT, 1992, p, 188).

Compartilhamos ainda mais dessa conclusão específica de von Wright mencionada acima por dois motivos: primeiramente, por reconhecer o mérito e esforço de Anscombe e Rhees na edição das *Investigações Filosóficas*; segundo, por abrir margem para a ideia de que a antiga “Parte II” não deve ser entendida como um ‘trabalho paralelo’ alheio ao livro, mas sim como seu desdobramento, como uma continuidade das discussões iniciadas nas *Investigações*. É exatamente para esse segundo tópico que nos voltamos agora.

4. OS ESCRITOS SOBRE FILOSOFIA DA PSICOLOGIA E A PARTE II: UMA TESE DA CONTINUIDADE DAS *PU*

Alguns elementos biográficos são bem consistentes com a ideia de que Wittgenstein continuou a trabalhar no texto das *Investigações Filosóficas* até os últimos anos de sua vida. Entretanto, essa tese vai de encontro com a visão bastante difundida de que a antiga Parte I seria um ‘projeto acabado’ e, conseqüentemente, a “Parte II” não deveria ser incluída no mesmo livro. Segundo esse raciocínio, a Parte II e todo o seu conteúdo pertenceria a outro eixo temático *distinto* daquele das *Investigações*. Novamente, von Wright (1982) é um dos pioneiros dessa visão:

[eu me] inclino a aceitar a opinião de que a Parte I das *Investigações Filosóficas* é um trabalho completo e que os escritos de Wittgenstein de 1946 em diante representam em certa medida partidas para *novas* direções (von WRIGHT, 1982, p. 136).

Devido a sua influência no meio acadêmico, a afirmação de von Wright tomou força ao longo dos anos. Como exemplo, temos a leitura de Hacker, feita quase 20 anos depois, que revela não só proximidade, mas também uma efetiva influência da conclusão de von Wright em sua leitura:

Pode muito bem ser que as tentativas de realocar as anotações da Parte II na Parte I tenham falhado. Certamente é difícil ver como tanto material, em particular a longa discussão sobre ‘percepção de aspecto’, poderia ter sido incorporada no texto existente sem grandes mudanças à estrutura do

argumento. Então pode ser que, caso Wittgenstein tivesse vivido e continuado suas últimas investigações sobre filosofia da psicologia (RPPI e II, LWI e II), ele teria incorporado esta grande quantidade de material adicional em um volume separado sobre filosofia da psicologia. Professor G.H. Wright escreveu que ele se inclina a aceitar a opinião de que a Parte I das *Investigações Filosóficas* é um trabalho completo e que os escritos de Wittgenstein de 1946 em diante representam em certa medida partidas para novas direções, **uma opinião que eu concordo**. Se Wittgenstein teria ou não incorporado a Parte II no texto da Parte I, o fato é que ele não o fez. A Parte II não é parte do mesmo livro (HACKER, 2000, p. xvi-xvii, tradução nossa, **grifonosso**).

A influência da leitura de von Wright em Hacker acabará influenciando, por consequência, a 4ª edição das *Investigações*. Nela, Hacker, agora junto de Joachim Schulte, continua seguindo um raciocínio muito próximo aquele afirmado em 1982 por von Wright:

Quaisquer que sejam as intenções finais que Wittgenstein tinha, o fato é que o mais próximo que ele conseguiu chegar de completar as *Investigações Filosóficas* foi no texto presente que consiste dos §§1-693. Isto é, nos cremos, aquilo que deveria ser conhecido como as *Investigações Filosóficas* de Wittgenstein (HACKER; SCHULTE, 2009, xxiii).

A posição dos editores em relação à descontinuidade dos escritos pós-1945 com as *Investigações* não é carente de pares no meio acadêmico. Embora com objetivos distintos, podemos citar aqui o trabalho de Danièle Moyal-Sharrock, que alguns anos antes seguiu a mesma tendência em considerações sobre a Parte II.

Eu concordo com Peter Hacker que aquilo que foi publicado como Parte II das *Investigações Filosóficas* não deveria ter sido incorporado naquele trabalho (MOYAL-SHARROCK, 2004a, p. 207, nota 2).

Além de considerar que a Parte II não deveria ser incluída nas *Investigações*, Moyal-Sharrock radicaliza a leitura de von Wright estabelecida em 1982. Ela chega a argumentar que o pensamento de Wittgenstein toma novos rumos essencialmente distintos após a versão final do livro, dando origem aquilo que ela chama de *terceiro Wittgenstein* (ou seja, uma ‘terceira fase’ do pensamento que essencialmente se diferencia tanto do *Tractatus* quanto das *Investigações*).

[...] A visão mais geral da filosofia de Wittgenstein é aquela que a divide em duas fases distintas. [...] Esta divisão não reconhece suficientemente que após o trabalho este seminal [PU], Wittgenstein toma novos fundamentos. Embora nenhuma retratação esteja em questão aqui, acredito que o desenvolvimento do pensamento de Wittgenstein é

suficiente para garantir a distinção de uma fase pós-*Investigações*, um *terceiro* Wittgenstein (MOYAL-SHARROCK, 2004b, p. 1).

Diferente do que afirmaram Hacker, Schulte e Moyal-Sharrock, na sequência buscaremos explicitar a ideia exposta por Nuno Venturinha (a de que Wittgenstein trabalhou até o final de sua vida com a revisão das *Investigações Filosóficas*. Noutras palavras, tentaremos mostrar o argumento de Venturinha a respeito da ideia de que os escritos sobre psicologia redigidos após 1945 não constituem uma ‘nova temática’ ou um ‘trabalho paralelo’ da filosofia de Wittgenstein, mas que eles são um *desdobramento* das reflexões iniciadas nas *Investigações*.

Um personagem que serve de base inicial a favor da tese de continuidade das *Investigações Filosóficas* para com os escritos pós-1945 é Peter Geach, que fez anotações esclarecedoras sobre as últimas aulas ministradas pelo filósofo nos anos de 1946-7.¹⁰ Geach defendeu abertamente a ideia de que Wittgenstein, caso não fosse pego por sua morte prematura, teria revisado até o fim de sua vida aquilo que é hoje conhecido ‘versão final’ das *Investigações*.¹¹ Sobre isso, ele pondera:

Nos últimos anos de sua vida ele [Wittgenstein] estava trabalhando de forma árdua nas *Investigações Filosóficas*. [...] A “Parte I” das *Investigações* estava completa quando Wittgenstein morreu, e nós já tínhamos visto o MS daquilo que agora é impresso como “Parte II”; Wittgenstein pretendia revisar as páginas finais da Parte I para incorporar o novo material, mas morreu antes de realizar tal revisão (GEACH, 1988, prefácio - xiii).

Além de Geach, outro fator corrobora com a ideia de que os escritos de psicologia seriam, ao menos em certa medida, parte da revisão das *Investigações*: a menção direta ao livro ou a parágrafos da obra nos textos pós-1945.¹² Ao menos três passagens presentes nos MS 137 e MS 138, escritos entre 1948 e 1949, corroboram com a ideia de que Wittgenstein teria pensado o material da psicologia tendo as *Investigações* como base.¹³

¹⁰ As anotações das aulas dos anos 1946-7 de Wittgenstein feitas por Peter Geach, Kanti Shah e A.C. Jackson foram publicadas em 1988, sob o título *Wittgenstein's Lectures on Philosophy of Psychology – 1946-1947*.

¹¹ Vale lembrar que Peter Geach era marido de Elizabeth Anscombe, editora da primeira versão das *Investigações* junto com Rhees. Sempre é bom lembrar que, além de Geach, os próprio Anscombe e Rhees também sustentam a tese de que a Parte II teria sido incluída na Parte I caso Wittgenstein não tivesse falecido precocemente.

¹² Não podemos deixar de mencionar aqui a grande influência que o artigo de Nuno Venturinha (2007) teve nessa parte do trabalho.

¹³ Tais manuscritos foram publicados em forma de livro e receberam o título de *Últimos Escritos sobre a Filosofia da Psicologia, volume 1*. (LWPPI).

A primeira passagem, datada de 9 de novembro de 1948, se encontra no §150 dos *Últimos Escritos sobre Filosofia da Psicologia, volume I* (LWPPI, vide MS 137, p. 32b). Nela, Wittgenstein afirma: “não é casual que eu empregue **neste livro** tantas proposições interrogativas” (**grifo-nosso**). É bastante razoável pensar que ‘neste livro’ seja uma referência direta às *Investigações Filosóficas*. Porém, alguém poderia questionar: mas não estaria Wittgenstein referindo-se a outro livro, um livro posterior às *Investigações*, por exemplo? Para sanarmos essa dúvida, tomemos uma anotação do autor feita alguns dias depois - 28 de novembro - e que está presente no §340:

se o jogo de linguagem, a atividade, o de construir uma casa, por exemplo (como no n° 2), fixa o emprego de uma palavra, o conceito de emprego é elástico relativamente à atividade (LWPPI, §340).

A referência ao ‘n°2’ presente na passagem só pode ter sentido se a tomarmos como sendo relacionada ao §2 das *Investigações Filosóficas*. Afinal, é nele que encontramos o clássico exemplo da ‘linguagem dos construtores’. A referência à linguagem dos construtores é um forte indício de que os parágrafos iniciais das *Investigações* continuavam presentes no norte especulativo das reflexões sobre filosofia da psicologia pós-1945.

Além da referência à linguagem dos construtores presente no §340, temos também outra referência presente no §833, datada de 7 de fevereiro de 1949 (vide MS 138, p. 16a), na qual Wittgenstein faz menção ao ‘jogo de linguagem de 8’.

Mas o que significa ‘convencer-se de algo?’ Para o percebermos, temos de proceder a jogos de linguagem simples com esta palavra. – Como se convence alguém, no **jogo de linguagem 8**, de que ali ficam tantas e tantas lajes? Como nos convencemos de que $6+6=12$? Etc. (§833, LWPPI, grifo nosso).

Ao tomarmos o termo ‘jogo de linguagem 8’, juntamente com outros termos que também estão presentes no parágrafo, como “jogos de linguagem simples” e “lajes”, não nos resta dúvida sobre a relação direta com o §8 das *Investigações Filosóficas*.¹⁴ Uma vez que a

¹⁴ Consideremos uma extensão da linguagem 2. Fora as quatro palavras ‘cubos’, ‘colunas’, etc., conteria uma série de palavras que seria empregada como o negociante no §1 emprega os numerais (pode ser a série das letras do alfabeto); além disso, duas palavras, que podem ser ‘ali’ e ‘isto’ (porque isto já indica mais ou menos sua finalidade), e que são usadas em combinação com um movimento indicativo da mão; e finalmente um número de modelos de cores. A dá uma ordem de espécie: ‘d-lajota-ali’. Ao mesmo tempo faz com que o auxiliar veja um modelo de cor, e, pela palavra ‘ali’, indica um lugar de construção. Da provisão de lajotas, B toma uma da

menção ao §8, assim como a menção ao §2, é de relevância central para o entendimento das anotações nesses escritos, é difícil crer que Wittgenstein não tivesse em mente um desdobramento das reflexões presentes no início do livro.

Os parágrafos incluídos nos *LWPPI* que fazem referência às *Investigações Filosóficas* servem como fundamento para a tese de que Wittgenstein manteve-se ativo até sua morte com as questões iniciadas na primeira parte das *Investigações*. Essas passagens nos levam a concluir que parece pouco provável que os escritos sobre a filosofia da psicologia redigidos após 1945 possam ser lidos de forma ‘temática’, ou seja, como algo separado ou pertencendo a livros distintos. Também coloca em xeque a ideia de que as *Investigações* fossem um livro concluído por Wittgenstein naquilo que ficou conhecido como ‘versão final’ (TS 227), em 1945/46. Porém, é importante dizer que aceitar a referência a passagens anteriores como fundamento para uma “tese de continuidade” nos traz graves problemas teóricos.

Se levarmos em consideração o acerto do argumento das referências diretas de Wittgenstein aos seus jogos de linguagem (2) e (8), sustentado por Venturinha, como prova de que ele ainda estava trabalhando nas *Investigações Filosóficas*, e que, portanto, todo o material pós-1945 é também parte integrante do livro, e não uma nova frente de trabalho diferente desta, o mesmo raciocínio também tem que valer para outros textos de Wittgenstein, como por exemplo, o texto presente nas atuais *Observações sobre os Fundamentos da Matemática*. Afinal, tal texto foi escrito entre 1938 e 1944 e nele encontramos várias referências diretas ao “jogo de linguagem (2)” das *Investigações*.¹⁵

Mais ainda: se tomarmos a referência à linguagem dos construtores como referência, então todos os textos escritos entre 1936 e 1951 podem ser entendidos como uma contínua revisão das *Investigações*, pois este período compõe todo o material literário pelo que abarca a feitura da obra (e também encontramos referências ao “jogo de linguagem (2)” no texto do “*Sobre a Certeza*”). Porém, o fato de um trabalho continuar a se engajar com as mesmas questões e assuntos de outros trabalhos anteriores não implica que o trabalho não possa, ao mesmo tempo, partir em novas direções e ser um trabalho próprio. Isso se aplica, por exemplo, a versão “*Urfassung*” das *Investigações Filosóficas*, que pode ser entendida como uma continuação do *Livro Marrom*, enquanto ainda é também um trabalho separado e parte em

cor do modelo para cada letra do alfabeto até ‘d’ e a leva ao lugar ‘A designa. – Noutra ocasião, A dá a ordem: ‘isto-ali’. Dizendo ‘isto’, aponta uma pedra. Etc (IF, §8)

¹⁵ Por exemplo, nas *Observações sobre os Fundamentos da Matemática* (WITTGENSTEIN, 1956), Parte III, § 80; Parte VI, § 40; e Parte VII, § 71.

novas direções muito diferentes. A conclusão de que é parte do mesmo trabalho a ser publicado permaneceria injustificada, mesmo que o trabalho não partisse para uma nova direção.

Além da generalização apressada baseada na menção a trabalhos anteriores, o fato de que Wittgenstein, ao produzir a Parte II e outros escritos, ter continuado a trabalhar em paralelo aos textos da Parte I – e até mesmo se referindo explicitamente a eles – não implica que os dois estejam juntos. Uma explicação igualmente plausível seria dizer que Wittgenstein pode ter desejado continuar a se envolver com os pensamentos da Parte I, seja como parte apenas de uma revisão dos textos da Parte I, seja por já estar trabalhando em algo novo e diferente disto. Não há contradição entre fazer as duas coisas ao mesmo tempo.

Por fim, Venturinha (2007) reutiliza justamente o ponto frequentemente mencionado na literatura secundária de que Wittgenstein estava parcialmente descontente com os últimos 150-200 parágrafos da Parte I e invoca, nesse contexto, a opinião de Rhees e Anscombe de que a Parte II deveria substituir estas seções. Mas, embora Venturinha mostre que Wittgenstein no final dos anos 40 frequentemente se refira e discuta parágrafos da Parte I, ele não mostra que ele discute precisamente as últimas 150-200 seções e seus tópicos, o que nós esperaríamos se fossem eles os quais a Parte II deveria substituir. As menções aos parágrafos ou às suas partes (por exemplo, §2).da *Investigações Filosóficas* referidas no artigo de Venturinha ou são muito gerais .

Além disso, o trabalho de Venturinha não nos dá uma visão mais detalhada de como o texto da Parte II está relacionada com a Parte I, de modo que a afirmação de que ele se encaixa e substitui filosoficamente parte dele permanece obscura e não sustentada. Também não apresenta nenhuma evidência textual que mostre que Wittgenstein, no TS-234 ou manuscritos próximos, estivesse realmente trabalhando na substituição/complementação da Parte I. Essa linha de argumentação deveria estar em vigor caso se queira mostrar que a Parte II pertença ou mantenha relação à Parte I.

5. SALDO DO PERCURSO: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES.

Esperamos que o caminho feito até aqui permita ao leitor chegar a algumas conclusões relacionadas às *Investigações Filosóficas* e aos escritos sobre filosofia da psicologia

redigidos pós-1945. Isto, obviamente, inclui a antiga ‘Parte II’ e, conseqüentemente, a uma avaliação da decisão editorial presente na 4ª edição.

No que diz respeito à inclusão do TS 234 nas *PU*, temos o seguinte: seja ele chamado de Parte II (tal como a nomearam Anscombe e Rhees), seja de *Filosofia da Psicologia – Um fragmento* (como propõe Hacker e Schulte), parece claro que estamos aqui diante de um material que não foi editado com a mesma propriedade, se assim podemos dizer, do que os §§1-693. Todavia, a menção a parágrafos das *Investigações* feitas em manuscritos pós-1945 pode nos remeter a ideia de uma continuidade das reflexões de Wittgenstein presentes nas *Investigações Filosóficas*, o que aparentemente advogaria contra a ideia de uma “partida para nova direção” (como afirma Wright) e a decisão de Hacker e Schulte de separar o TS-234 das *Investigações*.

Entretanto, ainda que a ideia de uma ‘terceira fase’ do pensamento de Wittgenstein nos soe bastante forçosa, visto que de fato Wittgenstein se dedica a tópicos relacionados ao mesmo eixo no TS-234, o que temos é que a mera menção a passagem das *Investigações* nos escritos pós-1945 não constitui, tal como acredita Venturinha (2007), um argumento suficiente para a ideia de uma *continuidade* de abordagem de Wittgenstein para com os mesmos problemas presentes nas *Investigações*.

Nesse sentido, tanto a decisão de Hacker e Schulte (2008) de separar o TS-234 das *Investigações* sob a justificativa de serem trabalhos rigidamente distintos, quanto a leitura continuísta de Venturinha, que pressupõe uma íntima conexão dos temas ali apresentados com aqueles presentes nas *Investigações*, possuem incoerências teóricas e limitações documentais. Esses entraves e percalços apenas evidenciam que a querela interpretativa sobre o *locus* do TS 234 no pensamento de Wittgenstein continua sendo, décadas após a primeira edição das *Investigações*, um tópico ainda atual e polêmico nos estudos sobre o filósofo.

REFERÊNCIAS

BIGGS, Micheal; PICHLER, Alois. **Wittgenstein: two source catalogues and a bibliography**. Catalogues of the Published Texts and of the Published Diagrams, each Related to its Sources. Working Papers from the Wittgenstein Achieves at the University of Bergen, n.7, 1993.

ERBACHER, Cristian. Editorial approaches to Wittgenstein's Nachlass: towards a historical approach. In: *Philosophical Investigations* n° 38 . p. 165-198, 2015.

GEACH, Peter; SHAH, Kanti; JACKSON, A.C. **Wittgenstein's Lectures on Philosophy of Psychology 1946-1947**. Harvester-Wheatsheaf: Hertfordshire, 1998.

HACKER, P. M. S.; SHULTE, Joachim. The text of the Philosophische Untersuchungen. In: WITTGENSTEIN, Ludwig. **Philosophical Investigations**. Trad. G. E. M. Anscombe, P. M. S. Hacker e Joachim Schulte. 4ªEd. Oxford: Ed. John Wiley & Sons [Blackwell Publishing], 2009.

HACKER, P. M. S. **Wittgenstein: Mind and Will**, Part II: Exegesis. Oxford: Blackwell, 2000.

_____. **Wittgenstein: Comparisons and Context**. Oxford: Oxford University Press, 2013.

MALCOLM, Norman. **Ludwig Wittgenstein - a memoir**. 2nd Edition. Oxford University Press: Oxford, 1984.

MOYAL-SHARROCK, Danièle. **Understanding Wittgenstein's On Certainty**. New York: Palgrave MacMillan, 2004a.

_____. Danièle. **The third Wittgenstein: the post-investigation works**. New York: Ashgate Publishing, 2004b.

VENTURINHA, Nuno. Against a third Wittgenstein. In: HRACHOVEC, H.; PICHLER, A.; WANG, J. **Papers of the 30th IWS**. ALWS Archives: A selection of papers from the International Wittgenstein Symposia in Kirchberg am Wechsel, 2007.

WITTGENSTEIN, Ludwig. **Wittgenstein's Nachlass**. The Bergen Electronic Edition. Bergen: OUP, 2000.

_____. **Philosophische Untersuchungen: Kritisch-genetisch Edition**. Notas de SCHULTE, Joachim; NYMAN, Heikki; von SAVIGNY, Eike; von WRIGHT, G. H. Ed. Surkhamp, 2001

_____. **Philosophical Investigations**. Trad. G. E. M. Anscombe, P. M. S. Hacker e Joachim Schulte. 4ªEd. Oxford: Ed. John Willey & Sons [Blackwell Publishing], 2009.

von WRIGHT, Georg Henrik. The Origin and Composition of the *Philosophical Investigations*. In: von WRIGHT, G.H. **Wittgenstein**, Oxford: Blackwell, 1982.

_____. The Troubled History of Part II of the *Investigations*. In: SCHULTE, Joachim; SUNDHOLM, Göran (Eds.). **Criss-crossing a philosophical landscape**. Essays on Wittgensteinian Themes Dedicated to Brian McGuinness. Amsterdam: Editions Rodopi, 1992.

Universidade Católica de Petrópolis
Centro de Teologia e Humanidades
Rua Benjamin Constant, 213 – Centro – Petrópolis
Tel: (24) 2244-4000
synesis@ucp.br
<http://seer.ucp.br/seer/index.php?journal=synesis>



MULINARI, Filício. A querela em torno da “parte II” das Investigações Filosóficas: a indicação de uma nova abordagem de leitura. **Synesis**, v. 11, n. 1, jul. 2019. ISSN 1984-6754. Disponível em:
<<http://seer.ucp.br/seer/index.php/synesis/article/view/1624>>.
